

VULTOS DA GEOGRAFIA DO BRASIL



Lyra

TENENTE JOÃO SALUSTIANO LIRA

(1878 — 1917)

A 3 de Abril de 1917, quando explorava o rio Sepotuba, afluente da margem direita do Alto Paraguai, encontrou a morte em pleno vigor da mocidade o 1.º Tenente João Salustiano Lira.

Cedo ingressou no Exército, obtendo sempre notas distintas que lhe davam acentuado prestígio no seio não só dos seus discípulos, como também no dos seus mestres e da oficialidade da lendária Escola Militar.

Tão brilhantemente se houve no seu curso que ao sair alferes-aluno foi distinguido pelo marechal Trompowsky, com um honroso convite para repetidor da cadeira de cálculo diferencial e integral e geometria analítica. Aceitando a honra que lhe foi concedida pelo insigne mestre, exerceu com notável proficiência o cargo a que foi guiado pelo seu saber e pelas suas qualidades de caráter.

Após curto período de exercício, o jovem professor partiu para a Alemanha onde se especializou em eletricidade, realizando um curso brilhante e conseguindo exprimir-se no idioma de Goethe como se fôsse a sua própria língua natal.

Sabedores do seu sucesso várias foram as firmas comerciais que solicitaram seus serviços, proporcionando-lhe ordenados capazes de sedução. A tudo resistiu, preferindo regressar ao Brasil e deixar-se seduzir pelos encantos dos trabalhos que visassem a conquista do Brasil, através dos estudos geológicos e geográficos que fôsem feitos no seu "hinterland".

Desempenhou a função de professor de Astronomia e Geodésia da Escola de Estado Maior, "em cujo ensino pôs mais uma vez em evidência o seu profundo conhecimento teórico de tão difíceis ciências como a sua larga prática de operador de grande precisão no manejo dos instrumentos respectivos, de que havia já então deixado provas robustas nos fastos científicos da Comissão Rondon".

Em todas as missões que lhe foram afetas, o Tenente Lira conseguiu dar-lhes plena e brilhante desempenho. Todavia uma mereço ressaltada, pelo brilho e pelo conceito que recebeu do Coronel Teodoro Roosevelt — "Expedição Científica Roosevelt-Rondon." Nessa memorável expedição, Lira foi encarregado do levantamento geográfico de toda a região palmilhada. Tinha como auxiliar o filho do emérito estadista americano — Kermit Roosevelt — que, espontaneamente, se encarregou do serviço de porta-mira.

Diariamente o Tenente Lira desenhava o levantamento executado e determinava as coordenadas geográficas do ponto elegido para acampamento, de sorte que o ex-presidente americano tivesse conhecimento exato do ponto onde se achava naquele vasto oceano de verdura.

A capacidade de trabalho, a resistência física e os conhecimentos científicos do jovem engenheiro, enchiam de admiração os nossos hóspedes estrangeiros que foram pródigos em cumulá-lo dos mais vibrantes elogios e louvores.

Com brilho idêntico desempenhou o Tenente Lira a função de ajudante do então Major Rondon, nas expedições de 1907 e 1908, respectivamente de Cuiabá ao rio Juruena, e deste rio à Serra do Norte.

Preparava-se a expedição de 1909, quando foi anunciado o contrato de casamento do dedicado engenheiro militar com uma moça da mais conceituada e rica família de São Luiz de Cáceres. O genitor da noiva assim que teve conhecimento da partida do seu futuro genro para nova excursão nas selvas, procurou-o, em nome da filha, rogando-lhe que abandonasse de uma vez o sertão bruto e passasse a viver só para aquela que o seu coração tinha aceito noiva.

Lira foi franco. Disse-lhe que há muito tempo havia empenhado sua palavra de acompanhar Rondon em quantas expedições fôsem precisas para completar a exploração das terras desconhecidas do noroeste brasileiro. E estava disposto a cumprí-la mesmo que fôsse preciso fazer o que ele não desejava — desmanchar o seu casamento.

Após a expedição de 1909 casou-se e em 1917, quando explorava o rio que tem hoje seu nome, encontrou a morte ao transpor uma cachoeira.

Viajava êle em companhia do Tenente Eduardo de Abreu Botelho, ambos excelentes nadadores.

Lira andava sempre impecavelmente fardado, sem se esquecer das botas que muito lhe dificultariam o nado em caso de naufrágio.

Ao transpor a fatídica cachoeira, no momento em que os briosos oficiais sentiram que a embarcação ia emborcar, saltaram nágua, para que não perdessem o material e instrumentos. O piloto seguiu rio abaixo numa cavalgata louca sobre as águas raivosas pelo tombo sofrido e os engenheiros ficaram-se debatendo no caldeirão da catarata. Depois que pôde sofrer seu "ginete", regressou o piloto para o local do desastre, encontrando na margem apenas a caderneta de levantamento que se achava antes na mão do Tenente Botelho... E da presença dos oficiais não lobrigou o menor indício. O corpo desse oficial foi encontrado depois de minuciosas pesquisas; contudo o do Tenente Lira jamais apareceu, sumiu para sempre, foi sepulto pelas águas orundas daquele sertão que êle tanto amava.

Quanto ao caso da caderneta encontrada na margem foi feita a seguinte reconstrução: o Tenente Botelho conseguiu ganhar o barranco onde depositou a caderneta que era o fruto do trabalho da expedição até aquele ponto e, em seguida, ganhou novamente o meio do rio para salvar o Tenente Lira. Quis o destino que ambos morressem gloriosamente como mártires da conquista geográfica no nosso imenso e amado Brasil.

Dois fatos sublimes no meio desta horrenda catástrofe. Puseram de início, a vida em perigo para salvar o material que lhes permitiria continuar o serviço. Em seguida a ação do Tenente Botelho que procurou salvar a caderneta com as observações astronômicas e levantamento feitos, para depois ir em socorro do valoroso companheiro que se debatia no torvelinho das águas...

Com gente desta ténpera o Brasil será um dia grandioso e forte.

Além dos inúmeros trabalhos de campo, deixou o 1.º Tenente João Salustiano Lira três opúsculos: "Relatório do Serviço Astronômico da Expedição Científica Roosevelt-Rondon" — 1915; "Variante da Ponte de Pedra ao Salto Utiarité e Aldeia Queimada"; "Relatório do Ajudante da Expedição de 1909".